

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
DESIGN SOCIAL: A MISSÃO ESQUECIDA

Autoras

Ana Claudia Lopez Pinaya

Natatcha Navarro Polillo

Orientador Prof. Me. Luis Emiliano Avendano

RESUMO

Design social é a execução de projetos que visam o bem estar da população de forma ampla e inclusiva, ou seja, busca abranger pessoas de diversos contextos sociais. Sabe-se que hoje, o design é voltado para públicos específicos, e em sua grande maioria, pessoas de classe média, alta e saudáveis, sendo desconsideradas as pessoas que fisicamente ou economicamente são limitadas. Esta pesquisa questiona também o esquecimento por parte dos designers em relação ao design social procurando descobrir porque não é praticado.

Outro assunto, anexo ao tema, é a questão da sustentabilidade, porém, como é muito discutido, mas em alguns casos desconsiderado, esse tema também foi objeto de estudo. O fato de algo ser simplesmente reciclável não o torna sustentável, não são apenas perguntas como “de onde veio, e para onde vão” que devem tornar um produto sustentavelmente correto responsável, mas outros fatores devem ser considerados como a forma de produção, o gasto de energia e água, a mão de obra, a quantidade de matéria-prima que foi retirada da natureza, é importante também analisar se a natureza será capaz de recompor aquilo que foi tirado sem que comprometa a geração atual e de um futuro próximo.

Palavras-chave: Design social, Design Sustentável, Design Inclusivo, Design Humanitário.

1 INTRODUÇÃO

Design social em suas discussões é definido de diferentes formas por profissionais diversos, porém sua essência e contexto são os mesmos.

Design Humanístico, Ecodesign¹, Design Universal e o próprio Design Social possuem alguns princípios básicos em comum, são eles: foco universal, sustentabilidade e responsabilidade social, visando a melhoria da qualidade de vida da população, independente de sua classe social ou estado físico.

“O design sempre foi inclusivo, sustentável, mas talvez ultimamente, ficou com uma abordagem demasiado comercial, com uma preocupação estética forte, levando ao esquecimento ou desconsideração de outros aspectos vitais como um design acessível para todos ou um design com preocupações ecológicas.” (DUPONT, 2011).

A sustentabilidade é uma resultante da prática do design, pois surge como vertente do assunto, no entanto não pode ser confundida com design social, devido o tema possuir outros aspectos relevantes a serem considerados. A responsabilidade ambiental hoje, além de ser encontrada na pauta de empresas, é um ponto com repercussão no design social, e que pode ser ampliado para o âmbito do design como um todo.

Alguns grupos sociais, conhecidos pela sua exclusão perante a sociedade, sofrem com a falta de interesse, e por consequência, o design social ainda não é capaz de atender às necessidades desses grupos, como no caso de idosos, ou deficientes físicos, que ainda estão limitados quanto às tecnologias e avanço de produtos. Como o tema em questão não possui ampla bibliografia, seu estudo ainda

¹ No livro “Haverá a idade das coisas leves”, Kazazian, 2005, Cita que eco-design é um processo que tem por consequência tornar a economia mais “leve”. Igualmente chamada “ecoconcepção”, trata-se de uma abordagem que consiste em reduzir os impactos de um produto, ao mesmo tempo em que conserva sua qualidade de uso, para melhorar a qualidade de vida dos usuários de hoje e amanhã.

é dificultoso para a sociedade, o que resulta em falta de informação e interação com o restante da população.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer o design social, seus fundamentos, valores e suas vertentes, e como ele é visto pela sociedade e pelos designers, descobrir os praticantes e difusores do design social.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Realizar a divulgação desta percepção, com o intuito de difundir o conhecimento do estudo realizado, para que dessa forma haja engajamento da população e principalmente dos alunos de graduação em design e arquitetura, tornando possível assim, a valorização do assunto.

3 METODOLOGIA

Iniciou-se a pesquisa bibliográfica, com análise teórica do tema primeiramente, que possibilitou o entendimento do assunto, e de todas as possíveis vertentes deste tema. Após a construção desse embasamento, foram realizadas pesquisas por meio digital, através de sites e artigos, assim como a procura por profissionais e pesquisadores que praticassem o Design Social. Uma lista de possíveis entrevistados foi formulada, tornando viável o início das entrevistas, que foram realizadas via *e-mail* e também presenciais, com a finalidade de entender como o design social é exercido na prática, e quais as dificuldades que podem ocorrer.

O tabulamento destas pesquisas e análises do conjunto de informação coletadas permitiu estruturar um artigo coerente, e principalmente no atendimento aos objetivos definidos.

4 TEORIA E PRÁTICA DO DESIGN SOCIAL

4.1 Mais teoria do que prática

As diversas palavras como: compartilhar, conscientização, sustentabilidade, pessoas, consumo, entre outras, sai de um *mix* o resultado: design social.

“Design social é aquele design cuja preocupação central é qualidade de vida, acima de tudo, ajudando a criar, manter e proporcionar acesso a educação, moradia, serviços de saúde, oportunidades de trabalho local como criação de novos serviços, comercio, agricultura²”.

Design, propriamente dito, é criar meios para o cotidiano das pessoas que sejam funcionais e belos, mas design é melhorar a qualidade de vida, é apresentar algo que não era imaginado e fazer com que isso se torne necessário.

Design social propõe que a excelência, num produto bem solucionado, é para todos. Qualquer produto, por menor ou mais barato que seja, interage com o público consumidor de diversas formas, a proposta de auxílio por parte dos consumidores seria extremamente interessante, para que o produto se adeque para este público. O design social propõe valores que foram perdidos, que foram aprendidos, mas não praticados ou até mesmo nunca existiram.

A “mentalização” e execução do design social não é apenas função do designer, é função das empresas, que, por serem órgãos privados e até comunicadores, são capazes de transmitir informações ao público de forma simples e rápida em veículos de informação, podem e devem educar o consumidor com valores realmente importantes, como a sustentabilidade e responsabilidade social, além do óbvio, que é a mensagem que a empresa passa com seus projetos sendo eles sustentáveis ou não, para todos ou apenas à uma parte da população.

A mesma função se estende para o governo, que com poder ainda que democrático sobre o país deve comunicar o público sobre tais valores, e mais: criar campanhas de incentivo, ambientes públicos de interações sociais entre toda a população e promover a segurança e igualdade para a mesma.

Dentro do design social é possível identificar três vertentes: design humanitário, design sustentável e design universal.

² Trecho da entrevista com Ana Clara Goyeneche concedida em Março de 2011.

4.1.1 Design Humanitário

O ser humano deve exigir mais importância e preocupação dos designers quando estes produzem algo. Há situações em que é esquecido o público diferenciado e a real necessidade para que haja a melhor condição de vida com o design.

“(...) é necessário que cada sociedade e seus profissionais contribuam para a construção de um mundo onde as expectativas de bem-estar sejam menos associadas à existência de novos artefatos. Por outro lado, naquilo que diz respeito aos designers, a única contribuição que aparentemente podem dar é justamente projetar e produzir artefatos”. (MANZINI, 2008).

Por alguma razão, há designers que antes mesmo de se preocupar com os problemas que são vividos nos locais que ele produz, fazendo algo para outros lugares, sem considerar as diferenças culturais e históricas, dá espaço para o design colonialista e intervencionista. Um design que apresenta uma proposta que, mesmo não proposital, quer introduzir numa região, classe, organização, tribo, algo que não condiz com eles e suas necessidades.

“É o novo design humanitário saindo dos Estados Unidos e Europa sendo percebido através dos olhos pós-colonialista como colonialismo? São os designers americanos e europeus presumindo muito na sua tentativa de fazer o bem?” (Nussbaum,2010)³. Como descreve Nussbaum no mesmo artigo⁴, o designer não compreende qual a intenção da intervenção que alguns países fazem em outros menores e menos desenvolvidos, devido ao fato de que estes têm problemas internos que deviam ter maior atenção que os problemas externos. Como também a utilização do design para passar essa mensagem de colonização.

4.1.2 Design Sustentável

Sustentabilidade é um termo agregado em diversos projetos, sejam eles governamentais, privados, escolares ou em outras políticas empresariais.

³ Tradução livre

⁴ Artigo publicado no portal Fast CoDesign por Nussbaum, que gerou muita polêmica e outros designers publicaram também sobre, sendo a favor ou contra as suas ideias apresentadas.

A importância que se dá ao tema hoje, é devido que muito mais que teoria, estamos vivendo na prática as consequências da ação do homem na natureza.

Porém, o que deve ser definido e muito bem esclarecido para a população é que ser sustentável não é simplesmente ser reciclado ou reciclável, mas é considerar todos os processos de um projeto, desde sua elaboração até quando o mesmo não houver mais utilização, relativo ao Ciclo de Vida do Produto⁵ e Cadeia Produtiva⁶.

“*O Brasil é um país de abundâncias*”⁷, é assim que Ricardo Voltolini Publisher da revista Ideia Sustentável, explica o comportamento de brasileiros que discriminam a sustentabilidade citando exemplos de pessoas que lavam suas calçadas todos os dias com mangueira, ou até mesmo abrem os vidros de seus carros para jogar lixo em avenidas.

4.2.3 Design Inclusivo

Esse termo como o próprio nome sugere, faz menção ao design que como objetivo principal deve incluir toda a população, ou o máximo de pessoas possível dentro dos primeiros passos do projeto. Segundo o arquiteto Iberê M. Campos “*a idéia é que os ambientes forneçam um nível adequado de acessibilidade inclusive às pessoas não totalmente aptas, com limitações físicas, temporárias ou definitivas, mas que não podem ser separadas ou estigmatizadas por isto*”. Isso quer dizer, que desde a necessidade da criação de um novo produto diversas situações e adversidades devem ser consideradas.

Segundo o *Center of Universal Design*⁸ há sete princípios que são cruciais para que o design inclusivo aconteça e se torne realidade, são eles:

⁵ O estudo do ciclo de vida de um produto indica o desempenho de vendas de um produto ou serviço com o passar do tempo. Teoricamente não se incluem neste estudo modelos ou variações de produtos, mas sim, segmentos. Serrano, Daniel Portillo

⁶ As Cadeias Produtivas compreendem todas as atividades articuladas desde a pré-produção até o consumo final de um bem ou serviço.

⁷ Ricardo Voltolini diretor da consultoria Ideia Sustentável, em uma entrevista concedida no dia 01/03/2011.

⁸ O *Center of Universal Design* avalia e promove o design universal para que seja acessível em habitações, edifícios, ambientes urbanos e produtos relacionados. Manifesta a convicção de que todos os novos ambientes e produtos, na medida do possível, devem ser utilizados por qualquer pessoa independentemente da sua idade, habilidade, ou circunstância. (http://www.ncsu.edu/www/ncsu/design/sod5/cud/about_us/about_us.htm, 1997)

- 1- Flexibilidade no uso: o design acomoda uma ampla variedade de preferências e habilidades individuais
- 2- Simples e intuitivo: o uso do design é fácil de entender, independentemente da experiência, do conhecimento, das habilidades linguísticas ou do nível de concentração corrente do usuário
- 3- Informação perceptível: o design comunica a informação necessária efetivamente ao usuário, independentemente das condições do ambiente ou das habilidades sensoriais do usuário
- 4- Tolerância ao erro: o design minimiza perigos e consequências adversas de ações acidentais ou não intencionais
- 5- Baixo esforço físico: o design pode ser usado eficientemente e confortavelmente e com um mínimo de fadiga
- 6- Tamanho e espaço para aproximação e uso: tamanho apropriado e espaço são oferecidos para aproximação, alcance, manipulação e uso independentemente do tamanho do corpo, postura ou mobilidade do usuário.

Hoje sabemos que infelizmente minorias são desprivilegiadas no lançamento de diversos produtos, ou até mesmo produtos que já existem nos armários de casa. Estes são limitados de diversas formas, não conseguindo ter acesso parcial ou total a um determinado ambiente ou produto, e muitas vezes precisando da ajuda de uma outra pessoa. Adentrando nesse mesmo tema, Sofia Pérez Ferrés em um texto elaborado para a Unicamp cita como o design *“despreocupado”* pode caminhar ao design inclusivo: *“uma forma recomendável de observar a problemática é deslocar do centro gerador da problemática essas minorias e sim acusar o ambiente e os produtos mal projetados que não satisfazem as necessidades de todos como motores da exclusão”* (*“Revolução Copérnica”*, texto de Hubert Froyen). Esse trecho explica que as minorias não são a causa do problema ou a discussão existirem, mas que as limitações de fato existem, e devem ser tratadas como os designers, como forma de melhoria no projeto, considerando que um projeto que atende a necessidade um deficiente, independente de sua problemática, atende à necessidade de uma pessoa considerada em perfeito estado de condição física.

Esse tema gera grande discussão entre diversos profissionais como arquitetos ou designer, como acontece no caso de Marcio Dupont que explica o design inclusivo/universal: *“O benefício é individual, mas também se estende ao seu contexto imediato e à sociedade em si”*.

“O Design Inclusivo permite uma sociedade mais justa, com mais oportunidades econômicas para todos, gera independência física e emocional aumentando a autoestima e a dignidade das pessoas”, enquanto que paralelamente

à ele, levado ao âmbito da arquitetura, a arquiteta Sandra Perito que tem se preocupado em demonstrar como o “*universal design*” pode ser aplicado também em projeto arquitetônicos. Inclusive Sandra, tem se esforçado para projetar esse tipo de conceito no Brasil com a “Casa para vida Toda” - um projeto que assim como o designer citado anteriormente defende, trará independência e acessibilidade ao brasileiro (ou indivíduo, o qual for tratado) – logo, a arquiteta explica seu planejamento: *“trata-se de prever a necessidade de adaptação dos ambientes na fase de projeto, o que impede que o morador seja expulso de sua moradia por conta de sua inadequabilidade, além de permitir ajustes com um custo infinitamente menor do que no pós-construção”*

4.2 Importância da prática

A persistência em se manter somente nos livros, o design social possivelmente não trará a solução para o problema que é o esquecimento dos designers e da sociedade sobre o design social, piorando, conseqüentemente, a falta de prática do design. O exemplo, também das empresas, é necessário para que o profissional que se dispõe a esta prática deve ser remunerado⁹ e incentivando.

“Ainda que a visão empresarial de muitas agências de Design impossibilite este tipo de design, deveria ao menos incentivar os estudantes a trabalharem desta forma. Por que ao mostrar aos estudantes novas áreas obrigadas, poderemos plantar modos de pensar diferentes sobre os problemas do design. Poderemos ajudá-los a desenrolar o pensamento de responsabilidade moral e social que o design precisa.” (Papanek, 1971)¹⁰

Um questionamento pertinente nesse âmbito sobre as práticas do design social é o limite que os profissionais deveriam ter, se somente o projeto é o suficiente junto com o auxílio momentâneo até que o projeto e a sua execução sejam finalizados ou o acompanhamento pós-projeto também é necessário.

Ana Clara Goyeneche mencionou em sua entrevista¹¹, quando foi discutido sobre os projetos que foram elaborados por ela e o escritório Design Simples, um caso em que o cliente não seguiu o caminho que havia sido traçado para que

⁹ Citado na entrevista com Lars Diederichsen: “Eu acho que tem cada vez mais importância para os designers, inclusive os jovens. É preciso que o designer focado na questão social seja remunerado (...).”

¹⁰ Tradução livre

¹¹ Entrevista concedida em março de 2011.

houvesse o sucesso do projeto elaborado por eles. Para que eles tivessem uma resposta do que havia ocorrido de errado procuraram a agência Design Possível¹² e a resposta que foi obtida foi que o acompanhamento e a união com outras áreas é necessária para o projeto permaneça e tenha o resultado esperado.

Os projetos que são desenvolvidos devem receber o grande reconhecimento que eles merecem, e com esta falta torna o pouco do Design Social praticado como algo escondido, dando a impressão de que não há o aproveitamento desta área.

5 RESULTADOS

O design social, que tem como principal foco a sociedade e o seu bem estar, possui vertentes: humanitária, inclusiva e sustentável, que são exploradas e praticadas, infelizmente, separadamente uma da outra, já o design social é a união dessas competências e, para completar, o auxílio de outras áreas que não sejam do design.

Os designers que escrevem e praticam seu ofício, procuram a expansão do design social, até por este ser esquecido e escondido, tendo como prioridade inserir na educação dos próprios designers a responsabilidade social, humana e sustentável para que ao se formarem, não busquem em seus projetos o que atualmente sempre é visado, o lucro e elitismo.

As entrevistas foram fundamentais para o artigo científico por conta da experiência e fatos que não são constatados em fontes bibliográficas, transmitindo mais conhecimentos sobre design social e seus projetos, além da possibilidade de entender como funciona o designer por trás do design.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo científico sobre o tema design social realizou-se através de estudos, pesquisas de campo e entrevistas junto à profissionais praticantes do tema e de suas respectivas vertentes, além de um contato maior com o meio profissional e acadêmico do design em si.

¹² Design possível é uma agência de design que pratica o design social de São Paulo.

Espera-se que os estudos continuem a acontecer e dessa forma o que foi aprendido até aqui, seja consolidado e transmitido através de palestras, conversas, ou até mesmo meios mais sofisticados para aqueles que possuem interesse no assunto.

7 FONTES CONSULTADAS

KAZAZIAN, Thierry. **Haverá a idade das coisas leves: design e desenvolvimento sustentável.** São Paulo: SENAC, 2005.

MANZINI, Ézio. **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais.** Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

PAPANEK, Victor. **Diseñar para el mundo real.** 2. ed. Madrid: Hermann Blume Ediciones, 1977.

CAMPOS, Iberê M.. **Design Universal na Arquitetura.** Disponível em: <<http://www.forumdaconstrucao.com.br/conteudo.php?a=32&Cod=94>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

DESIGN ACESSIVEL. **Os 7 princípios do Design Universal.** Disponível em: <<http://www.designacessivel.net/wiki/os-7-principios-do-design-universal>>. Acesso em: 6 abr. 2011.

DUPONT, Marcio. **Design é simples.** Disponível em: <<http://www.designsimples.com.br/design-e-simples/>>. Acesso em: 08 abr. 2011.

DUPONT, Marcio. **Design Inclusivo vai muito além da arquitetura e da acessibilidade.** Disponível em: <<http://falandodedesign.blogspot.com/2011/01/design-inclusivo-vai-muito-alem-da.html>>. Acesso em: 26 mar. 2011.

NUSSBAUM, Bruce. **Is Humanitarian Design the New Imperialism?** Disponível em: <<http://www.fastcodesign.com/1661859/is-humanitarian-design-the-new-imperialism>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

PERITO, Sandra. **Conheça o primeiro projeto com aplicação do Universal Design lançado no Brasil.** Disponível em: <<http://www.forumdaconstrucao.com.br/conteudo.php?a=32&Cod=183>>. Acesso em: 6 abr. 2011